

## ESPECISMO: A CEGUEIRA MORAL DA SOCIEDADE

Aliciane Madalena Fogaça Albino<sup>1</sup>  
Paula Oliveira da Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** A ocasião em que vivemos, é marcada pelo pensar e agir na visão ocidental, carregadas de conceitos já estabelecidos ao longo da história. Se analisarmos criticamente algumas atitudes e ações que propagamos sem pensar, em relação à própria espécie e aos animais não-humanos percebemos o emblemático paradigma antropocêntrico dominante. É aí que devemos repensar nossas ações e refletir sobre comportamentos inadmissíveis em relação aos animais não-humanos, reconstruir e remodelar os hábitos que aparentemente inocentes, provocam grande sofrimento, imoralidade e desrespeito. O texto busca estes e outros questionamentos sobre a relação dos animais humanos e não-humanos, relacionando com autores que buscam outras formas de pensar, como Peter Singer (2004), Sônia Felipe (2007), Saramago (1995), Paulo Freire (2005) e dentre outros que buscam a harmonia entre os seres vivos. Destacando que é preciso que nos humanizemos novamente com a natureza, com os animais, com o mundo sistêmico em que vivemos, precisamos ter coragem e perceber a nossa “desumanização” perante a exploração dos animais não-humanos, para conscientizarmos a uma conduta digna, que nos moralizem perante a natureza e sobretudo aos animais não-humanos.

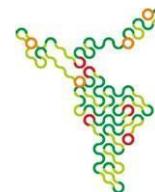
**Palavras-chave:** Especismo. Animais não-humanos. Visão antropocêntrica. Natureza. Humanização

## SPECIES: THE MORAL BLINDNESS OF SOCIETY

**Abstract:** The time we live in is marked by thinking and acting in the Western vision, loaded with concepts already established throughout history. If we analyze critically some attitudes and actions that we propagate without thinking, in relation

<sup>1</sup> Mestranda em Educação pela Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC (Criciúma -SC-Brasil). Professora de Ciências da Rede Municipal de Ensino de Criciúma/SC (2009). Monitora de Atividades Educacionais da Rede Municipal de Ensino de Içara/SC (2008). Especialista em Ecologia e Manejo de Recursos Naturais pela Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC (2012). Licenciada em Ciências Biológicas pela UNESC (2007).

<sup>2</sup> Mestranda em Educação pela Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC (Criciúma-SC-Brasil). Bolsista do Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições de Ensino Particulares - PROSUP/CAPEL. Professora de Arte em escola pública de educação básica de Santa Catarina. Especialista em Gestão Escolar Contemporânea pela Faculdades Rio Grandenses - FARGS (2009). Licenciada em Artes Visuais pela UNESC (2015). Bacharel em Administração pela Instituição Educacional São Judas Tadeu (2007).



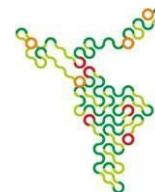
to the species itself and the nonhuman animals we perceive the emblematic dominant anthropocentric paradigm. This is where we must rethink our actions and reflect on unacceptable behavior towards nonhuman animals, rebuild and reshape habits that seemingly innocent, cause great suffering, immorality and disrespect. The text seeks these and other questions about the relationship between human and nonhuman animals, relating to authors who seek other ways of thinking, such as Peter Singer (2004), Sônia Felipe (2007), Saramago (1995), Paulo Freire (2005) and among others that seek the harmony between living beings. Emphasizing that we need to humanize ourselves again with nature, with animals, with the systemic world in which we live, we must have courage and perceive our "dehumanization" before the exploitation of nonhuman animals, to be aware of a demeaning behavior, that moralize us before the nature and especially to the non-human animals.

**Keywords:** Species. Non-human animals. Anthropocentric vision. Nature. Humanization.

A ocasião em que vivemos, é marcada pelo pensar e agir na visão ocidental, carregadas de conceitos já estabelecidos ao longo da história. Se analisarmos criticamente a algumas atitudes e ações que propagamos sem pensar, em relação à própria espécie e aos animais não-humanos percebemos o emblemático paradigma antropocêntrico dominante, advindas de séculos anteriores quando o "socialmente aceito" era a escravidão de negros e índios, o tratamento de incapacidade das mulheres intelectuais, o utilitarismo dos recursos naturais e o especismo sobre os animais não-humanos, todos esses sujeitos de direitos citados não mereciam qualquer consideração moral; não preocupava-se com o bem estar, sofrimento ou seu valor, apenas relações propagadoras de violências.

O momento de refletir alguns comportamentos e hábitos diários estabelecidos por séculos é crucial em consequência do caos causado ao equilíbrio natural do planeta frente a visão antropocêntrica, de que nós, humanos, somos o centro dos outros seres vivos e podemos exterminá- los.

Observando o modo de vida do homem, nota-se uma contradição, de que o moderno é bom e faz bem, e observando criticamente vemos que a ação dos homens destrói a si próprios, atingindo, as demais espécies. Nesta contradição,



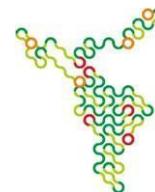
observamos que o homem valoriza o “moderno”, “poder”, “domínio”, mesmo levando-os a destruição de todo o equilíbrio sistêmico que ele próprio participa sem perceber.

Corroborando com este pensamento Sônia Felipe (2007), destaca que o “comportamento ético” em relação aos animais não-humanos está intimamente relacionado aos interesses econômicos, o despertar para o consumismo exposto pela mídia reforça esta ideia de “coisificação”. As visões utilitaristas e servis dos animais não-humanos apresentam-se naturais, já que estamos acostumados na maior “inocência” a comer um simples pedaço de carne, a usar um casaco de pele ou colete, a adentrarmos em espetáculos circenses e vemos os animais não-humanos serem constrangidos em apresentações para entretenimento de humanos, ou achar normal uma multidão correr atrás de um touro mutilado e cercá-lo só porque é uma simples “tradição” e a ciência, como propósito de progresso utilizar os animais não-humanos para experimentos, lembrando também que são utilizados em indústrias e centros educacionais para estudos; todos esses fatos naturalizados na sociedade, apenas reforçam nossa visão de “donos do mundo” ou nossa “cegueira moral”.

Conforme Saramago (1995), a sociedade encontra-se em uma cegueira moral, o animal humano esquece que é civilizado e se bestializa a tal ponto que perde sua verdadeira identidade, seu orgulho e auto respeito, descendo a níveis de comportamentos e ações que os animais não-humanos não conseguem alcançar, chegando a “miséria moral”.

É aí que devemos repensar nossas ações e refletir sobre comportamentos inadmissíveis em relação aos animais não-humanos, reconstruir e remodelar os hábitos que aparentemente inocentes, provocam grande sofrimento, imoralidade e desrespeito.

O presente texto trata de aspectos relacionados ao especismo, traçando um breve histórico, de conceitos e fundamentos, e demonstrar suas formas de

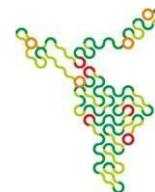


perpetuação na sociedade. Defendendo o combate ao especismo e a necessidade de reconstruir novos paradigmas, na sociedade, que “coisifica” os animais não-humanos, tornando naturalizada a prática da exploração das espécies que tem a capacidade de sentir sensações e sentimentos de forma consciente, sem nenhuma repressão ética e moral.

Para adentrarmos a discussão, significamos o termo especismo criado pelo psicólogo Richard Ryder (1975), que sustenta que a espécie humana é por natureza superior às outras espécies e por isso tem direitos ou privilégios que são negados a outros animais capazes de sentimentos e sensações conscientes, isto é, que também sentem dor e sofrimento. Conforme o autor, o termo foi usado para um “despertar” necessário a confrontar a moralidade de práticas que animais não-humanos estão sendo explorados em pesquisas, fazendas, domesticamente e na natureza, fazendo um paralelo com outras ideologias bem comuns na sociedade o racismo e sexismo, que são preconceitos baseados sobre diferenças físicas que são moralmente pouco importantes, hierarquizando uma raça sobre a outra, um gênero sobre outro e no caso do especismo uma espécie sobre outra. Ryder argumenta que qualquer indivíduo, humano ou não, capaz de experimentar a dor ou sofrimento possui direitos morais.

Conforme Desmond Morris *apud* Flávio Gomes Ferreira (2017) ao investigarmos a história da relação do animal humano com os animais não-humanos, notamos muitas discordâncias nos padrões éticos. Há milhares de anos o “homem” vem utilizando a natureza no intuito de atender seus interesses e necessidades antropocêntrico, a relação de dominação, perpetuou e se consagrou em muitas doutrinas religiosas e correntes filosóficas, estendendo-se por gerações, através da comunicação oral, visual e escrita, todos esses fatores contribuíram para a construção da ideologia especista.

Portanto, para entendermos as relações entre os animais humanos e não-humanos, vamos retomar a história da sociedade em diferentes momentos. Na Grécia Antiga, de acordo com Peter Singer (2004) não havia uniformização do



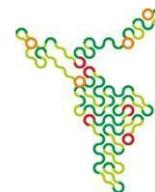
pensamento em relação aos animais não humanos, mas algumas doutrinas propagavam mesmo que subentendidas ideias relacionadas. Exemplificando esta ideia Peter SINGER (2004,p. 90), relata que:

Na Antiguidade grega, havia duas tendências conflitantes: a de Pitágoras, vegetariano, que tratava os animais com respeito; e Aristóteles, que pensava que alguns homens são escravos por natureza e a escravidão, por conseguinte, era correta e vantajosa para eles. Aristóteles afirma ainda que animais existem para servir aos interesses dos seres humanos, muito embora não estabeleça um abismo entre os humanos e o restante do mundo animal. Ele ainda reconhece que escravos e animais sofrem e sentem dor – não nega que o homem é um animal (racional) – mas são seres inferiores ao homem racional. O critério aristotélico-cartesiano estabelecido pela filosofia moral tradicional para assegurar a igualdade entre os homens: razão e linguagem.

Corroborando com Singer a autora Sônia Felipe relata, os pensamentos que maior destaque tiveram neste período foi de Aristóteles, que seguindo os preceitos do cristianismo elaborou uma teoria epistemológica e metafísica que resultou na exclusão dos animais não- humanos da esfera moral, defendia que havia uma hierarquização na natureza, e o “homem” estaria no topo dela, acreditava que em decorrência da capacidade de raciocínio, acreditava que havia homens naturalmente escravos, portanto, a posição dos animais não racionais seria inferior aos seres humanos, destacando que os interesses humanos devem ser providos pelos animais não racionais, como um direito.

Neste contexto, com o surgimento do pensamento cristão, reforçando a ideia que a espécie humana é sagrada, apenas confirmou e acentuou a posição de inferioridade dos animais não-humanos. Conforme Peter SINGER (2004, p. 96.):

O posicionamento que se destacou na doutrina cristão foi o de São Tomás de Aquino, maior representante da filosofia romana católica de seu tempo. Segundo ele, a obrigação cristã de matar não se aplica a outras criaturas, porque não há pecado em usar algo para o fim a que se destina. Homens usam animais para alimentar-se e isso não pode ser feito a não ser que esses sejam privados da vida, sendo, portanto, legal tirar a vida de animais. Vai além, discordando de que a crueldade contra animais seja errada em si. Pecados são cometidos apenas contra Deus, contra si próprio e contra o semelhante, não havendo uma categoria de pecados contra seres irracionais. Ainda, Aquino diz ser errado ter compaixão para com os animais, pois a caridade não abrange as



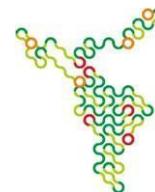
criaturas irracionais, pois elas são incompetentes para possuir o bem, não possuem sentimentos de companheirismo e porque a caridade baseia-se no companheirismo da felicidade eterna, que tais criaturas não conseguem atingir. São Tomás simplesmente negava que animais outros que não seres humanos pudessem sofrer.

Ao longo da história, alguns pensadores desenvolveram em suas filosofias, atitudes e ações que defenderam em alguns momentos os animais não-humanos. Seguindo a cronologia histórica, conforme Peter SINGER (2004, p. 98):

Com o período da Renascença veio o humanismo renascentista, que era, afinal, humanista, insistindo no valor e na dignidade dos seres humanos. “O homem é a medida de todas as coisas” – a ostentação da dignidade, potencial e superioridade da natureza humana contrastou ainda mais a natureza limitada dos “animais inferiores”. Se a Renascença marca, sob determinados aspectos, o início do pensamento moderno, o modo de pensar anterior, no tocante aos animais, continua a vigorar, apesar de dissidentes importantes como Leonardo da Vinci (que era vegetariano e condenava toda e qualquer crueldade contra animais). Quando pensamos que a situação para os animais não poderia piorar, surge a teoria de Descartes, reforçando a anulação moral dos animais não humanos, como forma de edificar ainda mais a figura humana. De acordo com Peter Singer, o pensamento de Descartes, apresenta como base: Descartes sustentou que tudo que era matéria seria governado por princípios mecanicistas, a exemplo de um relógio. Obviamente ele não poderia afirmar que os seres humanos eram máquinas, ou seria gentilmente encaminhado à fogueira. Para evitar esse destino, afirmou que há dois tipos de coisas no universo: coisas de espírito e coisas de matéria. Anjos são coisas de espírito, homens são coisas de espírito e de matéria, e animais, por não possuírem, segundo ele, consciência, seriam coisas de matéria e, portanto, máquinas. Uma vez sendo máquinas, animais não sentem dor e são incapazes de sofrer. Essa teoria foi extremamente conveniente: foi nessa época que a prática da experimentação com animais vivos tornou-se amplamente difundida na Europa.

O iluminismo trouxe maior civilidade e menor violência, sendo que os animais não-humanos se beneficiaram neste período. Houve reconhecimento de que os animais não-humanos sofrem e merecem alguma moralidade. Muitos filósofos progrediram no processo intelectual, reforçando argumentos em prol ao vegetarianismo e tentativas de elaboração de leis em defesa dos animais não-humanos que impedisse a violência.

Quando DARWIN (1859, p. 80) publicou *A Origem das Espécies*, foi uma revolução para época, em seu livro relatou o seguinte:



Vimos que os sentimentos e a intuição, as várias emoções e faculdades, tais como amor, memória, atenção e curiosidade, imitação, razão, etc. das quais o homem se orgulha, podem ser encontradas, em estado incipiente, ou mesmo, por vezes, numa condição bem desenvolvida, nos animais inferiores.

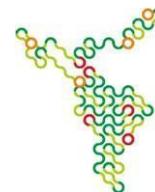
As teorias de Darwin sofreram uma violenta resistência, pois não é fácil abandonar com facilidade a ideia de seres “sagrados” e que possuem domínio sobre os outros seres vivos “inferiores”. Conforme PETER SINGER (2004, p. 55), que defende:

É claro que toda uma carga cultural, todo um ranço de tradição católica e carnívora tentam impedir que acreditemos que um animal possa, de fato ter memória, amor, curiosidade, e quanto mais razão. É claro que nossos costumes e hábitos nos fazem querer debochar de tais afirmações. Mas assim pensam os machistas com relação à libertação da mulher, e assim pensam os racistas com relação à escravidão. Justificar a maneira como tratamos os animais com a frase, “mas eu preciso comer carne” não é melhor que justificar a escravidão com a frase, “mas a economia depende dos escravos”.

Apesar que durante a história vários pensadores defenderem a ideia que os animais não- humanos são capazes de experimentar sofrimento físico e apresentarem uma forma especial de racionalidade, ainda prevalece na sociedade atualmente, a ideia que o homem é o centro de tudo e possui privilégio sobre os outros seres vivos.

Corroborando com este pensamento SÔNIA FELIPE (2007, p. 66), relata que:

Para a filosofia racionalista, maus-tratos são violência apenas no caso de serem infligidos a *peessoas*, pois as destituem de sua liberdade, da capacidade de escolher e deliberar o que é necessário a seu próprio bem. Maus-tratos contra animais foram *naturalizados* pela tradição moral, como se devessem servir para lembrar a todos que há dominantes e dominados, *alfas* e *subordinados*. Em outras palavras, a naturalização dos costumes violentos contra os animais tem uma função ideológica: a de nos mostrar que os *homens* podem impor sua expressão por via da força bruta a todos os que, intuindo sua natureza livre, não querem colocar sua vida à disposição dos dominantes. Enquanto tolerarmos a violência praticada contra os



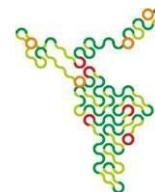
animais estaremos fomentando a mesma prática que nos subordina a essa hierarquia moral e política. Libertar os animais é libertar-nos da matriz cognitiva que nos formata para sermos escravizados por relações violentas.

No pensamento da autora, a tradição hierarquizante, o violentador se constitui como forte, e só o seu interesse prevalece, pois é dotado de razão e todos os outros que não se enquadram no padrão moral proposto, sempre sofrem brutalidades.

Neste contexto histórico da relação dos animais humanos e animais não-humanos, observando esses comportamentos e atitudes que se arrastam por séculos, está cultura que prevalece por gerações, ficamos a nos questionar: o quanto ainda precisamos mostrar, demonstrar, expor, falar e escrever sobre o sofrimento dos animais não-humanos? O que impressiona na humanidade é o desrespeito com a própria vida e de seus semelhantes, pois polui o ar que necessita para respirar, contamina a água a mesma que mata sua sede, polui o solo que lhe dá o alimento e continua seu processo de desumanização destruindo seus semelhantes, sem moralidade e ética.

Em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire (2005), expõem que os humanos estão em constante processo de humanização, mas ao longo do tempo a partir de situações históricas específicas, como relatamos no decorrer do estudo encontram-se desumanizados, e o próximo passo. É claro que toda uma carga cultural, todo um ranço de tradição católica e carnívora tentam impedir que acreditemos que um animal possa, de fato ter memória, amor, curiosidade, e quanto mais razão. É claro que nossos costumes e hábitos nos fazem querer debochar de tais afirmações. Mas assim pensam os machistas com relação à libertação da mulher, e assim pensam os racistas com relação à escravidão. Justificar a maneira como tratamos os animais com a frase, “mas eu preciso comer carne” não é melhor que justificar a escravidão com a frase, “mas a economia depende dos escravos.

Apesar que durante a história vários pensadores defenderem a ideia que os animais não- humanos são capazes de experimentar sofrimento físico e apresentarem uma forma especial de racionalidade, ainda prevalece na sociedade atualmente, a ideia que o homem é o centro de tudo e possui privilégio sobre os



outros seres vivos.

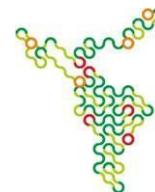
Corroborando com este pensamento Sônia Felipe (2007, p. 66), relata que:

Para a filosofia racionalista, maus-tratos são violência apenas no caso de serem infligidos a *peessoas*, pois as destituem de sua liberdade, da capacidade de escolher e deliberar o que é necessário a seu próprio bem. Maus-tratos contra animais foram *naturalizados* pela tradição moral, como se devessem servir para lembrar a todos que há dominantes e dominados, *alfas* e *subordinados*. Em outras palavras, a naturalização dos costumes violentos contra os animais tem uma função ideológica: a de nos mostrar que os *homens* podem impor sua expressão por via da força bruta a todos os que, intuindo sua natureza livre, não querem colocar sua vida à disposição dos dominantes. Enquanto tolerarmos a violência praticada contra os animais estaremos fomentando a mesma prática que nos subordina a essa hierarquia moral e política. Libertar os animais é libertar-nos da matriz cognitiva que nos formata para sermos escravizados por relações violentas.

No pensamento da autora, a tradição hierarquizante, o violentador se constitui como forte, e só o seu interesse prevalece, pois é dotado de razão e todos os outros que não se enquadram no padrão moral proposto, sempre sofrem brutalidades.

Neste contexto histórico da relação dos animais humanos e animais não-humanos, observando esses comportamentos e atitudes que se arrastam por séculos, está cultura que prevalece por gerações, ficamos a nos questionar: o quanto ainda precisamos mostrar, demonstrar, expor, falar e escrever sobre o sofrimento dos animais não-humanos? O que impressiona na humanidade é o desrespeito com a própria vida e de seus semelhantes, pois polui o ar que necessita para respirar, contamina a água a mesma que mata sua sede, polui o solo que lhe dá o alimento e continua seu processo de desumanização destruindo seus semelhantes, sem moralidade e ética.

Em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire (2005), expõem que os humanos estão em constante processo de humanização, mas ao longo do tempo a partir de situações históricas específicas, como relatamos no decorrer do estudo encontram-se desumanizados, e o próximo passo



será tomar consciência de sua própria condição de ser desumanizado e assim será o primeiro passo à sua libertação, e passagem da consciência ingênua para a consciência crítica no processo de Conscientização e Diálogo.

Uma grande parcela da humanidade necessita do processo de humanização, perante a exploração animal, que diante do sofrimento animal, conseguem ignorar o que lhes é mostrado, não conseguem libertar-se de seus costumes e tradições bárbaras com medo de enxergar a verdade de seus atos cruéis.

É preciso que nos humanizemos novamente com a natureza, com os animais, com o mundo sistêmico em que vivemos, precisamos ter coragem e perceber a nossa “desumanização” perante a exploração dos animais não-humanos, para conscientizarmos a uma conduta digna, que nos moralizem perante a natureza e sobretudo aos animais não-humanos.

#### **REFERÊNCIAS:**

ANDRADE, Carlos Drummond de. **De notícias e não notícias faz-se a crônica**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

DARWIN, Charles. *A origem das espécies: através da seleção natural ou a preservação das raças favorecidas na luta pela sobrevivência*. Tradução: Ana Afonso. Planeta Vivo. Portugal, 2009.

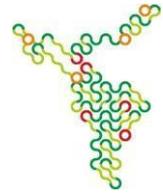
FELIPE, Sônia T. **Ética e experimentação animal: fundamentos abolicionistas**. Florianópolis: editora UFSC, 2007.

FELIPE, Sônia T. (2007) **Somatofobia: violência contra humanos e não-humanos; as vozes dissidentes na ética antiga**”. In: *PENSATA ANIMAL*, São Paulo, n. 2, jun. 2007. Disponível : <http://olharanimal.org/somatofobia-violencia-contra-humanos-e-nao-humanos-a-modernidade-e-as-vozes-dissidentes-contemporaneas-parte-ii/>. Acesso em: 25/08/2019

RYDER, Richard D. **Speciesism: Victims of Science the use of animals in research**. London: Centaur Press, 1975.

SANTANA, Heron José de. **Abolicionismo Animal**. Tese de doutoramento submetida à banca na Faculdade de Direito da Universidade Federal do Recife. 2006.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. Portugal: Editorial



Caminho, 1995.

SINGER, Peter. **Ética Prática**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

SINGER, Peter. **Libertação animal**. Porto Alegre: Lugano, 2004.